

## ENCONTROS COM ANZILOTTI \*

*Roberto Ago* \*\*

### 1.

Foi exatamente o que me pareceu quando levantei os olhos para sua bela foto sobre uma peça de minha biblioteca. Sua filha me enviou alguns dias após a sua morte. Foi tirada um pouco de perfil, mas é muito mais fiel e mais viva que o retrato, estático e sem alma, tirada por não sei qual pintor, que talvez nunca o encontrou, pendurado na galeria de retratos do Tribunal Internacional de Justiça. Olhando atentamente esta foto, vi a testa abaulada, já um pouco desguarnecida, os olhos frisantes e vivos, o nariz pequeno e direito como seu queixo, e sobretudo a boca entreaberta em um sorriso bom e amigável. É a doçura deste sorriso que marcou as lembranças na minha memória.

### 2.

Retorno ao verão de 1929, logo após ter terminado meus estudos de direito, estive em Haia para freqüentar cursos na Academia de Direito Internacional, notadamente os cursos gerais de Alfred Verdross e de Arrigo Cavaglieri, do qual eu tinha sido aluno na Universidade de Nápoles. Este último amigavelmente me convidou um dia para com ele fazer uma visita a seu mestre, Dionisio Anzilotti, que nos recebeu em seu escritório

---

\*\* Juiz no Tribunal Internacional de Justiça. Presidente da Comissão de Direito Internacional da Organização das Nações Unidas (ONU). Presidente do Institut de Droit International. Professor Titular de Direito Internacional nas Universidades de Milão e de Roma.

presidencial no Tribunal Permanente de Justiça Internacional, no Palácio da Paz. No decorrer deste encontro – o qual eu tinha ido com uma compreensível ansiedade –, a extrema simplicidade e modéstia do personagem, porém distinto, me tocou a alma (muito). Eu estava chocado com a extraordinária vivacidade de espírito de seus propósitos. Não me recordo mais como ocorreu o momento em que ele se dirigiu a mim para me convidar para lhe falar sobre o objeto de minha tese, dos projetos relacionados à carreira empreendida e dos meus trabalhos. Ele me deu preciosos conselhos, que, naturalmente os acolhi. Uma reflexão em particular me assustou e ficou impressa em meu espírito como uma espécie de viático para o futuro. Considerando que meus interesses eram especificamente dirigidos ao direito internacional privado, ele me felicitou e me encorajou a seguir esta linha e me lembrou que tinha feito o mesmo no início de sua carreira científica. Salientou que, na sua opinião, a disciplina estritamente jurídica que impunha o estudo de direito internacional privado era a escola mais adequada para formar o espírito para a tarefa subsequente, ou seja, enfrentar com uma base realmente jurídica o estudo das relações internacionais propriamente ditas. Deixei-o com meu coração repleto de gratidão, convencido de ter tido a chance de encontrar o grande nome do direito internacional.

### 3.

Do que me recordo, foi em 1931 que o grande Mestre e o modesto discípulo começaram a se relacionar. Eu tinha sob os olhos a carta que ele me mandou em setembro daquele ano, em resposta ao envio de meu primeiro artigo, concernente as normas de direito internacional privado no projeto do novo código civil italiano. Ele me deu, do modo mais cortês e discreto, um exemplo que para mim foi uma lição preciosa para o futuro e que para ele deveria ser a atitude de um mestre em relação aos seus alunos e sobretudo os mais jovens entre eles. Um exemplo sem dúvida incentivador. Suas saudações foram calorosas e, estou seguro, absolutamente sinceras. Mas, ao mesmo tempo, a carta me transmitia uma mensagem que foi uma constatação e, sobretudo, uma firme diretiva, colocada, no entanto, sob a forma cortês de um desejo. O artigo que ele havia lido era sem dúvida, como me disse, um bom trabalho de crítica legislativa. Mas ele esperava o que sem dúvida me

mandou fazer, ou seja, a tarefa mais árdua de uma obra “construtiva-exegética” de qualidade. Estas foram suas palavras: “não inferior”. Meus ouvidos não ficariam certamente surdos com esta preciosa exortação.

#### 4.

Nos dois anos que se seguiram, intensivamente dedicados ao trabalho, tive duas ocasiões em que encontrei novamente Dionisio Anzilotti. A primeira foi no verão de 1932, ainda em Haia, onde eu tinha retornado como beneficiário de uma bolsa de estudos da Academia. Ele me recebeu muito cordialmente e me confessou um segredo que me surpreendeu, mas me preencheu. Ele me falou de sua vida no Tribunal Permanente, das diferenças de compreensão que sua mentalidade tão latina quanto européia muitas vezes encontrava nos contatos com colegas de outras origens. Mencionou em seguida as questões sobre nosso país, evocando de tempo em tempo sua marca evidente de simpatia pelo regime a que nos tínhamos submetido e suas reservas quanto a política interna e sobretudo estrangeira que este seguia – sem nenhuma coerência fora dali. Salientou, além disso, o embaraço em que ficou devido as irreverências de um embaixador improvisado junto a Corte real holandesa, e, por último, seu pouco entusiasmo quando da sua nomeação inesperada à nova Academia da Itália. Nesta conversa sua personalidade se desenhava com uma grande clareza. Retornando em seguida à mim, ele demonstrou-se preocupado com o início da minha carreira, com os primeiros progressos que realizei no trabalho aos quais eu estava agregado, e também com as dificuldades que encontrei. Fez-me, cada vez, sugestões mais pontuais.

Acredito ter dito o essencial, mas não resisto a tentação de lembrar o comentário que ele fez quando, em resposta aos cumprimentos que me enviou pela nomeação para a Universidade de Cagliari, eu havia sublinhado o valor muito limitado, e de outro modo, precário desta função e manifestei minha preocupação diante das etapas que me faltavam cruzar.

Escutou-me silenciosamente, bateu-me nos ombros afetuosamente e sorrindo citou um provérbio toscano, segundo o qual: “o passo mais difícil é o da porta de entrada”. Ele fez com que eu confiasse em mim mesmo: é assim que ele concebia a tarefa de um mestre.

## 5.

A segunda ocasião me foi oferecida pela a visita que, por seu convite, lhe fiz em sua casa de campo, “il Castellaccio”, perto de Pescia, na Toscana. Esta se passou, se minhas lembranças são exatas, no verão de 1933.

A pessoa que me recebeu me pareceu um pouco diferente da que eu havia conhecido antes. Revela-se, em todo caso, um ser humano ainda mais completo e mais verdadeiro daquele que eu havia visto sob o céu e dentre os que lhe cercavam. Ele estava manifestamente feliz de me mostrar à bela casa, bastante típica da maravilhosa região e bastante integrada a paisagem. Levou-me a visitar de um lado a outro e me apresentou a S.ra Anzilotti. A mesa, fez-me experimentar os deliciosos produtos de seu jardim, seus frangos, seu vinho, seu óleo e suas frutas. Mas sua alegria, com uma ponta de orgulho se manifestou sobretudo depois do almoço, quando me mostrou sua fazenda, suas oliveiras, sua vinha e sua laranjeira, onde figuravam em primeira linha, dentro de enormes vasos, magníficos limoeiros carregados de frutas. Durante o tempo que os admirava, ele se afastou por um momento, depois veio carregando em sua mão um pequeno pote que continha uma linda planta gorda, da qual pareceu confiar muito. Ele me explicou que a chamava de “baobab”, na fase do baobab do Tartarin de Alphonse Daudet que “tinha um pote de reseda”. Espero que me perdoem por ter invocado estes detalhes que, longe de parecerem insignificantes, me marcaram, pois confirmavam mais do que tudo a simplicidade de um homem que a ciência, a cultura e a profundidade de pensamento atingiam um grau difícil de igualar.

Conheci também sua filha, com quem depois fiquei muito ligado. Ela adorava seu pai, de quem mais tarde cuidou afetuosamente, até o fim. Ela, por sua vez, me apresentou seu gato, Tasso, com quem tinha conversas imaginárias, semi-filosóficas. Seu livro *Passeggiata con Tasso*, que me presenteou, era cheio de criatividade.

Não me recordo se, quando da visita a Dionisio Anzilotti, chegamos a falar de direito e de assuntos jurídicos. Pode ser que não, pode ser que o encantamento do lugar e desta jornada, ensolarada em todos seus aspectos, estivesse muito tomado para que se tenha falado destes assuntos. Quando a noite me despedi de meus anfitriões, deixei o lugar estando tomado pela sensação de ter sido acolhido como um filho. Tive então a revelação que confirmou mais tarde quando, por minha vez, tive de ter e formar alunos muito queridos: soube que não existe nada de mais semelhante no relacionamento de pai e filho do que aquele que se estabelece entre o verdadeiro mestre e o verdadeiro educando.

## 6.

Tendo dito isso, não quero ser mal compreendido. Dionisio Anzilotti não foi para mim o único e exclusivo mestre. Durante todo o período de minha formação científica e acadêmica, tive também a chance de aproveitar lições e conselhos de outros grandes acadêmicos, de beneficiar de suas presenças freqüentes e afetuosas, de poder contar com o apoio precisos e sempre essencial. Cito, entre outros, os que me foram mais queridos: Santi Romano, Tommaso Perassi, Donato Donati. Acredito não diminuir a dívida de reconhecimento que tenho com eles dizendo que para mim Dionisio Anzilotti sempre ocupou, sem concorrência, o primeiro lugar. De fato, foi me inclinando sobre seus *Studi critici di diritto internazionale privato* e em seu *Corso di diritto internazionale privato* que nasceu em mim a idéia de dedicar-me aos estudos neste ramo. E, mesmo que ainda mais tarde, são sua *Teoria generale della responsabilità dello Stato in diritto internazionale* e seu escrito sobre *La responsabilité internationale des Etats á raison des dommages soufferts par des étrangers*, que me levaram a fazer da responsabilidade internacional, em todo sua extensão, o objeto principal de minha dedicação e de meus estudos.

## 7.

Faz algum tempo que relembro cronologicamente destas minhas lembranças. No começo de 1934, tive a sorte de concluir a obra que surgiu do compromisso tomado comigo mesmo de dar uma resposta positiva às exortações recebidas. Meu livro sobre a teoria do direito internacional privado foi concluído no final da primavera. Apressei-me em enviar um exemplar a Dionísio Anzilotti. Imaginem meus sentimentos e meus anseios. Esta carta, que hoje me comove tanto quanto o fez na ocasião, foi para mim a recompensa para o maior esforço que tinha feito. Meu ensaio sobre a responsabilidade indireta em direito internacional foi concluído no mesmo período. A amigável previsão feita pelo Mestre em sua carta não tardou a se realizar. Alguns meses mais tarde me tornei, por concurso, titular de uma cadeira de direito internacional na Universidade de Catânia, de onde eu deveria ir, no ano seguinte, para Gênova.

## 8.

Foi em Gênova que, recebi da Secretaria Geral *Curatorium* da Academia de Haia, o convite para lecionar, em agosto de 1936, o curso geral de direito internacional privado. Certamente me sentia extremamente lisonjeado, mas também um pouco surpreso, pois eu me perguntava sobre quem poderia ter proposto me confiar uma tarefa um tanto quanto carregada de responsabilidade. Mais tarde soube quem o fez. Quando cheguei na Academia, encontrei o presidente do *Curatorium*, Sr. Politis, que me cumprimentou, me olhou da cabeça aos pés, e depois me disse com um ar um pouco frio: “Tem o ar muito jovem, como faz, sendo assim jovem, para ser um grande especialista do direito internacional privado? Anzilotti nos disse, no *Curatorium*, que é um grande especialista”. Depois disso ele desapareceu. Foi uma ducha de água fria que, naquele momento, me deixou tonto, mas me fez compreender a quem, mais uma vez, deveria agradecer meu reconhecimento. Este pensamento e o aparecimento providencial de Georges Scelle, com o rosto tão suave e acolhedor, me reconfortaram antes da prova.

## 9.

Tive a oportunidade de rever Dionisio Anzilotti em 1938. Por indicação de Santi Romano, assim presumo, o procurador do governo italiano no processo interposto pela Itália contra a França sobre a questão dos *Phosphats du Maroc*, me designou como conselheiro para tratar diante do Tribunal permanente, de certos aspectos essencialmente técnicos da causa, em resposta às exceções preliminares levantadas pelo governo defensor.

Após a conclusão do procedimento escrito, nós nos apresentamos, então, diante do Tribunal, onde Anzilotti sentava, não mais na qualidade de Presidente, mas, no entanto, como juiz. Não podíamos ter contatos pessoais com outros juízes, o que me deixou triste por não poder cumprimentar o venerável Mestre e conversar com ele como em outras ocasiões.

Os que viveram experiências diante do Tribunal sabem que do banco onde sentam os representantes das partes, é preciso se esforçar para ver no rosto dos juízes alguma reação nas exposições que lhe são apresentadas. Ora, logo que as defesas em nome do governo requerente começaram, tive a impressão de que nem a argumentação do procurador, nem, sobretudo, o tom às vezes duro e um pouco pretensioso de sua apresentação, conquistaram a simpatia de Anzilotti, nem dos outros membros da Corte. Quando ele concluiu, as dobras da boca de nosso juiz não pareciam encorajadoras.

Tomei a palavra em uma atmosfera que parecia pouco favorável. No entanto, na medida que expus minhas idéias sobre a origem, o significado e o alcance da regra dita de esgotamento preliminar das vias internas, sentia o ambiente se distender. As dobras dos lábios do mestre desapareceram, e até mesmo se esboçava um sorriso. Eu gostei de receber tal mensagem, que certamente foi involuntária.

O acórdão do Tribunal foi em favor da aceitação de uma outra exceção francesa. A França teve o voto favorável do juiz italiano, coisa que para mim foi uma lição inesquecível de coragem e de objetividade. Os casos de juízes votarem contra seus países não são freqüentes na jurisprudência do Tribunal.

Pude ainda rever o Mestre durante uma estadia que mais tarde fiz em Roma. Tive a alegria de lhe escutar dizer que tinha “visto certo” quanto avaliei a famosa “regra”.

## 10.

Não encontrei Dionisio Anzilotti em Haia quando retornei em agosto de 1939, para dar um novo curso na Academia, desta vez, sobre o delito internacional. Sua ausência era problemática devido ao fato de não ocupar a cadeira no Tribunal naquele momento do ano. Lamentei. Sentia saudades da presença do Mestre, suas críticas e seus conselhos.

Esta reação secundária e de ordem pessoal aumentou em meu espírito em determinadas circunstâncias, sendo um sentimento quase angustiante. Esta ausência, então temporária, não seria o prelúdio a uma saída de cena bem mais próxima e definitiva de Dionisio Anzilotti? Uma cena na qual ele tinha tido um papel bastante preeminente e esta partida não estaria prevista baseada nas tremendas perturbações no horizonte?

De fato, já na Academia, rapidamente me dei conta de que as coisas haviam evoluído bastante desde 1936. Nunca foi fácil tratar o assunto como eu o entendia, com a distância e a serenidade que requeria, diante de um público onde certos elementos eram influenciados e agitados por ideologias incompatíveis. A atmosfera internacional, pesada há algum tempo, tornava-se agora cada vez mais irrespirável, e constatei em detalhes aparentemente insignificantes, os reflexos entre os alunos da Academia. Sentíamos a tempestade se aproximar.

## 11.

Quando, pouco antes, a Segunda Guerra Mundial estourou, todas as pessoas sérias das nossas disciplinas se deram conta da catástrofe que era este acontecimento e das circunstâncias que representava. Contudo, para Dionisio Anzilotti, foi o desabar aterrorizante de todo um edifício construído sobre a idéia que alimentou seu espírito durante sua vida. Ele tinha colaborado de modo direto, ativo e entusiasmado aplicando-se pela Liga das Nações. No capítulo introdutório da terceira edição de seu *Corso di diritto internazionale*, de 1928, ele homenageia calorosamente a iniciativa do presidente Wilson. O Tribunal Permanente de Justiça Internacional, foi, em boa parte, sua própria criação. A constatação deste desabamento foi muito difícil para ele, mesmo na sua sabedoria. Os



contatos que eu tinha tido com ele, afastados pelas dificuldades do momento, não me permitiram perceber esta situação.

## 12.

Tornei-me, entretanto, professor na Universidade de Milão e tinha sempre na memória a lembrança da sensação de união que se manifestou entre a maior parte dos internacionalistas italianos, sobretudo daqueles que estavam ligados pelo mesma formação, as mesmas convicções e freqüentemente também pela mesma devoção a figura de Dionísio Anzilotti. Nosso desejo comum era de que nosso país ficasse fora dos conflitos e, sobretudo, que não se unisse ao coro desses que cinicamente esnobavam do direito internacional. Não éramos os únicos de fora: a maior parte de nossos alunos e de nossos amigos compartilhavam de nosso ponto de vista.

Infelizmente isso aconteceu em vinte de junho de 1940, momento em que nossos governantes jogaram nosso país em um abismo de onde não pôde sair tão cedo, a não ser com passos incertos, lentos e dolorosos, para retornar, no fim, esgotado, diminuído e por um tempo banido da sociedade internacional.

## 13.

Neste momento de aflição o nome de Dionisio Anzilotti nos pareceu ser o farol luminoso necessário para buscar a verdadeira imagem dos sentimentos italianos em matéria de relações internacionais. Um pequeno grupo entre nós, formado por internacionalistas, historiadores, economistas e homem políticos que permaneceram fiéis às idéias de liberdade, de justiça e de paz, decidiu criar uma sociedade em que um dos objetivos era trazer uma contribuição modesta, e nós estávamos conscientes, para as idéias e os projetos de renascimento de uma organização internacional mais sólida e mais eficaz do que a Liga das Nações. Fomos unânimes em solicitar a Dionisio Anzilotti que fosse nosso presidente.

Diante do mundo desconfiado, nenhum outro nome melhor do que o seu poderia garantir a fidelidade de nossas intenções.

Anzilotti aceitou com um entusiasmo que nos encheu de alegria e de gratidão. Acredito que ele viu justamente em nossa iniciativa uma espécie de retomada do que tinha sido em outra ocasião suas aspirações e seus imperativos de ação. Ele pôs unicamente como condição, tendo em vista sua idade avançada e seu estado de saúde, que lhe tornava difícil os deslocamentos, que colaboradores de confiança assumissem todas as tarefas concretas da vida e da ação da sociedade. Todos aceitaram as suas propostas.

#### 14.

Esta eleição foi para mim uma ocasião inesperada de retomar as relações com o Mestre, mas seguidas quase sempre através de cartas. Guardo algumas daquelas escritas por ele neste período. Reencontro sua escrita alongada, elegante e clara. Sobretudo, guardei as que eram mais pessoais. Em uma delas, descrevia-me as condições difíceis de sua vida em Castellaccio. Falava-me de seu medo do frio, do fato de toda sua família estar obrigada a viver dentro de duas peças devido as dificuldades com o aquecimento. Acrescentava uma descrição do estado deplorável das vias de comunicação e do isolamento da casa. Em uma carta coberta por sua fina escrita, ele me cumprimentava pelo nascimento de minha filha Renata. Em uma carta datada de 1946, esta mais longa, alegrava-se com o fato de eu poder ir à América participar de uma conferência internacional do trabalho. Dizia ver na O.I.T. a única prova da grande construção de 1919 que poderia sobreviver ao naufrágio.

No que concerne mais precisamente a nossa Sociedade, vida da qual ele tinha que ser periodicamente informado, me expressou a sua alegria ao ter recebido os primeiros três números da revista *La Comunità internazionale*, que louvava abundantemente o conteúdo e a apresentação. Mas me falava sobretudo de seu projeto de vir a Roma logo que sua saúde e o estado das vias de comunicação o permitissem. Desejava conhecer pessoalmente nossa instalação, nosso progresso e nossos programas de ação futuros.

## 15.

Longe de se equilibrarem, as dificuldades persistiam. Ele não nos incentivou nem mesmo a lhe fazer uma visita, mostrando uma certa hesitação com o estado atual de sua residência. Quando falava de possíveis reencontros, imaginava-os fora dali. Eu me perguntava se este homem, com o espírito sempre vivo e alerta em suas cartas, não desejava esconder um aspecto físico um pouco atormentado pelas horas que tinha vivido.

Em um determinado momento até mesmo suas escritas cessaram e, com elas, a última forma de reencontro que nos restava. O Mestre parecia querer se desapegar do mundo dos vivos. O amigo Paul Guggenheim, que o admirou tanto e com quem compartilhei esta cortina de silêncio que caiu, teve como único comentário: “O sábio se retirou para se preparar para a morte”.

E a morte veio, como sempre, inesperada e implacável, em uma manhã de verão de 1950. O *Institut de Droit International*, reunido em Bath, preparava neste dia a cerimônia para lhe dedicar o título de membro honorário.

Alguns dias mais tarde soube de sua morte e compreendi que nossos reencontros, bastante agradáveis, tinham chegado ao fim. Nos meus sentimentos encontrei um certo reconforto ao pensar que ele dormia em um canto daquela maravilhosa fazenda toscana que teve alegria em me fazer conhecer. Ele amava tanto esta fazenda onde nada parece ter surgido por acaso, onde cada cipreste, cada oliveira, cada pé de vinha, cada campo de trigo, parecia um quadro da Renascença. Nenhuma decoração, dizia-me, não saberia melhor convir ao descanso de um homem que, durante sua vida, fez da ciência uma obra de arte.